

Cemig tem 10.658 motivos para promover justiça no pagamento da PR

Proporcionalidade beneficia minoria e desrespeita conquista dos trabalhadores. Categoria cobra igualdade na distribuição de 11% do ROC

A Cemig divulgou na semana passada que tem “10.658 motivos para ser a melhor empresa para você trabalhar”. A intenção era reforçar o marketing com os trabalhadores, dando visibilidade à citação da Companhia no ranking da revista Você S/A/Exame, publicação dirigida à executivos que seguem a mesma cartilha de RH da Cemig.

No entanto, o discurso de que “cada um dos empregados

contribui diariamente para o crescimento da Empresa e a Cemig reconhece o empenho e a dedicação de todos”, esbarra no sentimento generalizado de que falta a valorização concreta dos eletricitários.

Mais do que as palavras de agradecimento, os trabalhadores da maior empresa pública do estado esperam ações verdadeiras, como a justa distribuição dos resultados da Cemig. A

Participação nos Lucros não é nenhum ato de generosidade da direção da Cemig, mas um direito conquistado pelos eletricitários que garantem a continuidade e a qualidade dos serviços aos consumidores. Nos últimos quatro anos a categoria viu a lucratividade da Cemig crescer e ultrapassar os R\$ 2 bilhões, mas a abundância bateu à porta apenas dos supervisores, gerentes e diretores.

A empresa retrocedeu na linearidade da distribuição, brindando as chefias com o artifício das PREs proporcionais cada vez mais polpudas. No ano passado, 84% dos resultados foram distribuídos de forma proporcional aos salários e apenas 16% foi linear, aprofundando a desigualdade. Se a linearidade for aplicada este ano, cada trabalhador receberá o valor bruto médio de R\$ 25.462,96.



Luta pela PR linear ganha força

Foto: Benedito Maia

A defesa da PR linear está na Pauta de Reivindicações e na boca dos trabalhadores em toda a Cemig. Só falta a empresa escutar. O coordenador do Sindieleiro na Regional Metalúrgica, Leonardo Timóteo, destaca que os trabalhadores do Plano Técnico, Administrativo e Operacional são o pilar da empresa e, assim como os eletricitários de nível superior, merecem igualdade na distribuição da Participação nos Resultados.

“Não adianta só dizer que reconhece a importância de todos. Valorização de verdade se faz com um bom ambiente de trabalho, igualdade de oportunidades nas carreiras e, principalmente, a linearidade das PRs”, destaca. O diretor lembra que, sem o eletricitista e o técnico, a Cemig não teria o lucro bilionário.

O diretor do Sindieleiro na Vale do Aço, Wolmar Ferreira de Paula, destaca que da forma como vem sendo paga, a PR favorece os que já são favoreci-



PR Linear é um dos pontos mais abordados nas reuniões setoriais

dos mensalmente pelos salários maiores. “Os trabalhadores sofrem pressão diária pelos resultados e nesta campanha estão com grande disposição para reverter o cálculo e acabar com a discrepância no valor das PREs”, ressalta.

Na avaliação do secretário de Energia da FNU e diretor do Sindieleiro, Franklin Gonçal-

ves, “a PR linear é a única forma de promover a distribuição de renda para todo o time da Cemig, independente da visibilidade ou da posição em que cada um joga”. O que os eletricitários reivindicam não é nada acima do valor que a Cemig já paga, mas, apenas coerência com seu discurso de valorização dos 10.658 trabalhadores.

Pesquisa é conduzida pelo RH das empresas

O guia 150 Melhores Empresas para Você trabalhar é publicado por Você S/A e Exame, revistas da Editora Abril, que também publica a Veja. O guia é apresentado como a maior pesquisa sobre ambiente de trabalho e práticas de Recursos Humanos do país, mas tem como principal fonte de informações o RH das empresas.

A premiação se baseia em critérios desconhecidos, mas claramente focados nos resultados, sem levar em conta a pressão que sacrifica as relações e a saúde do trabalhador. Também não é explicada a participação dos trabalhadores no processo.

A Cemig foi incluída num “Prêmio Especial” que a revista não explica o que é. O Guia diz apenas que a Cemig é a empresa com mais de 10 mil colaboradores que tem o maior Índice de Felicidade no Trabalho (IFT). No entanto, entre as maiores empresas, a Cemig está em 29º lugar na “Nota do Funcionário”, que supostamente mede a identificação com a empresa, a satisfação e mo-

tivação, a oportunidade de desenvolvimento e aprovação dos líderes.

Quando analisado somente o setor elétrico, a Cemig perde para Eletronorte, CPFL e AES Sul. A Cemig também não aparece no ranking dos quesitos “onde os funcionários sentem mais orgulho”, “onde os funcionários mais aprendem”, “onde os funcionários estão mais satisfeitos” e “onde os funcionários aprovam os chefes”.

Como as visitas às empresas pelos jurados levaram pouco mais de três horas, há falhas primárias na identificação e na avaliação de processos. No caso da Cemig, o Guia destaca como mérito o PCR e a avaliação de desempenho, pontos de maior frustração entre os trabalhadores.

Como ponto negativo, os jurados, espantosamente, apontaram a realização de concurso público, criticando uma das formas mais transparentes de contratação funcional, uma avaliação bem diferente da feita pelos eletricitários.

CUT Vale do Aço incentiva doação

A CUT Vale do Aço encerrou a coleta de sangue dentro da Campanha "Doe Medula, Promova a Vida", realizada no último dia 23, em Ipatinga, com 234 pessoas cadastradas e o

envolvimento de 15 voluntários na infra-estrutura. Agora, as amostras de sangue vão passar por exame de histocompatibilidade (HLA), um teste de laboratório para identificar as características genéticas. Depois, o resultado vai para o cadastro nacional de doadores de medula, onde será verificada a compatibilidade com pacientes que aguardam na fila de transplante.

A atividade foi feita em parceria com o Hemominas, e contou com o apoio de diversas instituições de ensino, como o Centro Universitário do Leste de Minas, (Unileste), Faculdade de Medicina e escolas técnicas de enfermagem. Uma empresa de coleta de lixo de Ipatinga também deu apoio, com chamada e informações sobre a campanha nas rádios da cida-

de, além da divulgação nas principais escolas da região, portaria principal da Usiminas e feiras.

Na avaliação do presidente da CUT Vale do Aço e diretor do Sindieletrô, Marcos Túlio Silva, a atividade foi positiva e só não atingiu a meta de mil doadores devido a várias circunstâncias.

"Conseguimos um número razoável de participantes. A Campanha continua em todo o Estado e esperamos que, com o tempo, haja mais envolvimento e participação. Isso requer conscientização para criar uma cultura de doação", destaca. Segundo ele, é necessário ampliar o Cadastro Nacional de Doadores, que hoje conta com apenas 420 mil pessoas. As estatísticas apontam que se consegue um doador compatível em cada 100 mil cadastrados.



**DOE MEDULA
PROMOVA A VIDA CUT**

Para saber mais
sobre o processo de doação e como agendar a coleta de sangue, ligue para o número 0800-310101 ou entre no site www.hemominas.mg.gov.br.

O doador voluntário precisa ter de 18 a 55 anos e boa saúde.



Voluntários cadastram possíveis doadores em Ipatinga

CAMPANHA DE RENOVAÇÃO DO ACT 2007/2008

por MARCELO CORREIA

Acordo Coletivo em tempo de fartura

Na década de 1970 ficou famosa a frase "crescer primeiro para depois dividir o bolo", atribuída ao então ministro do planejamento, Delfim Neto. A idéia por trás da frase era de que era necessário arrochar salários para que o Brasil pudesse crescer e, somente depois, dividir os frutos do desenvolvimento com os trabalhadores.

De fato o Brasil viveu o milagre econômico, baseado no aporte de capitais estrangeiros e nas multinacionais. Após a bonança, ficamos com uma enorme dívida externa e o segundo lugar do mundo de concentração de renda, vale dizer: favelas, miséria, analfabetismo e violência. Claro que isso só foi possível porque a ditadura militar sufocou os trabalhadores.

Hoje os economistas são unânimes em apontar que novo ciclo de crescimento está base-

ado no contrário, a divisão de renda criou um mercado interno que é o responsável pelo desenvolvimento. Com isso estamos finalmente ficando livres das famosas crises internacionais. Este início de divisão já nos tirou do segundo lugar e nos levou ao décimo segundo país do mundo em concentração de renda.

Vivemos um momento excelente na economia – inflação sobre controle, diminuição do desemprego, empresas com alto lucro. Na Cemig os números são fantásticos, o melhor desempenho da história, vai ultrapassar os dois bilhões de lucro. Além disso, temos a venda de energia em alta e pressão para crescimento em todos os setores: geração, transmissão e distribuição.

Você que está acompanhando o texto até aqui deve estar pensando que está tudo ótimo, que podemos sair de férias. Nada dis-

so! Sabemos que melhorou, mas ainda é muito pouco, ainda temos altas taxas de desemprego, violência e salários muito baixos. Sabemos também que este crescimento é apoiado em políticas sociais como o bolsa família, salário mínimo e nas aposentadorias, e que isso não é sustentável a médio prazo.

Todas as categorias estão conquistando aumentos reais de salários e melhorias nas condições de trabalho. Vários são os concursos e vagas de emprego com salários muito acima dos que a Cemig está praticando. "Agora chegou a nossa hora, a pauta de reivindicações foi entregue, e cabe a cada trabalhador convencer seu companheiro que este ano vamos ter nosso pedaço do bolo e não vamos aceitar nenhum direito a menos".

FALA TRABALHADOR

Você acha justa a distribuição de dividendos da Cemig?

Fotos: Benedito Maia



Eu não acho justo e não concordo. A Cemig foi criada com uma mentalida-

de de ser um bem social, e hoje ela mudou. A tarifa que a Cemig cobra do consumidor contradiz essa mentalidade que ela foi criada. O lucro da empresa é mandado para fora do Brasil. Eu acho que a empresa deveria valorizar os seus funcionários, com uma política salarial mais justa e ágil. Nós trabalhadores devemos estar organizados, participando de assembleias e ajudando a construir o futuro da empresa.

Antônio Erivaldo de Assis,
eletricista linhas e redes –
DC/MC – Anel Rodoviário



Eu não acho justo. Porque quem constrói os dividendos da Cemig são os trabalhadores. Eu não acho justo que 80%

dos dividendos da empresa sejam repassados para acionistas. A Cemig deixa de cumprir sua função social para repassar os lucros para os sócios, é muito dinheiro. Eu também não acho que a parte repassada aos trabalhadores é justa. Acho que a Cemig deveria investir esse dinheiro em aplicações na empresa, em melhorias de condições de trabalho para os funcionários e em melhorias na saúde e segurança. Deveria cumprir a decisão judicial e acabar com as terceirizações e abrir concurso público.

José Maurício de Andrade, técnico administrativo – LI/LA – Sede

Subdelegacias da DRT estão ameaçadas de fechamento

Em visita ao Triângulo Mineiro, o delegado regional do Trabalho, Osman Miranda, falou para uma platéia formada por sindicalistas e trabalhadores, sobre o fechamento de Sub-Delegacias Regionais do Trabalho de Minas Gerais (DRT-MG). A notícia caiu como uma bomba, já que, nas regiões onde as fiscalizações podem ser interrompidas, são comuns práticas ilegais e desrespeito às leis trabalhistas, como, por exemplo, trabalho infantil e forçado.

Segundo informações do próprio Delegado do Trabalho, as subdelegacias que poderão ser extintas ficam em Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha, e em Paracatu, no Noroeste mineiro. As sub-delegacias tem a função de fiscalizar as condições de trabalho e se os direitos dos trabalhadores são cumpridos. Atualmente, a delegacia de Araçuaí conta com apenas uma auditora; em Paracatu são seis audi-

tores que realizam o trabalho.

Procurado pela reportagem do Chave Geral, o Delegado Regional do Trabalho de Minas Gerais, Osman Miranda, negou que esteja planejando o fechamento de subdelegacias. Segundo afirma, a fiscalização continuará e a intenção da DRT é ampliar o trabalho por todo o Estado, transformando-a em fiscalização móvel. “O objetivo da DRT é ser uma ferramenta contundente em defesa do trabalhador”, relata.

De acordo com Osman Miranda, os auditores estão totalmente vulneráveis nessas regiões, por isso esta transformação está em estudo. Sobre a pequena quantidade de funcionários para atender as regiões citadas, o delegado afirma que já foi autorizado concurso público para os próximos anos (2008/2009). Além disso, Osman anunciou a abertura de um novo posto do Ministério do Trabalho em Unaí.



Ainda hoje é possível encontrar trabalhadores em condições precárias de saúde e trabalho

Sindicalistas apontam prejuízos para os trabalhadores

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araçuaí, Nenos Ramos de Oliveira, vê um grande prejuízo para o Vale do Jequitinhonha se a Subdelegacia for fechada.

Nenos Ramos ressalta a importância do trabalho de fiscalização para quem mora e trabalha na região. “Aqui (no Vale) existe muito trabalho escravo, ilegalidades no contrato de trabalho,

trabalhadores sem contrato. Precisamos da Delegacia para resolver esses problemas e fiscalizar as empresas que vem buscar trabalhadores aqui, para trabalhar em outras regiões”, salienta.

Audidores discutem o trabalho escravo em Belo Horizonte

Foto: Benedito Maia

Enquanto políticos tentam criminalizar o trabalho de auditores fiscais que combatem o trabalho escravo, aconteceu em Belo Horizonte o 25º Encontro Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho (Enafit).

O evento teve como tema central a defesa dos direitos do trabalhador. Durante o encontro, os auditores discutiram sobre a tentativa de alguns Senadores de acabar com o Grupo Especial de Fiscalização Móvel do Ministério do Trabalho. O grupo libertou no mês de junho mais de mil trabalhadores que estavam em condições de escravidão, na fazenda Pagrisa (Pará Pastoral e Agrícola S.A.), no sudeste paraense.

Durante a ação de fisca-

lização e após a libertação dos trabalhadores, os auditores, principalmente Humberto Célio, coordenador da equipe de trabalho, sofreram inúmeras represálias dos senadores. No último dia 21, a secretária de Inspeção do Trabalho, Ruth Vilela, suspendeu as ações de fiscalização do grupo alegando exigir “um mínimo de segurança e condições para o exercício das atividades”.

“Está acontecendo uma ingerência por parte de alguns senadores para tentar nos desestabilizar e intimidar. Mas isso de nada vai atrapalhar o nosso trabalho. A missão do auditor fiscal do trabalho é garantir a CLT”, afirma Humberto Célio Pereira. O auditor foi convocado a comparecer no Senado no próximo dia 4 de outubro para



Humberto Célio, apresenta relatório do trabalho no Enafit

prestar esclarecimentos sobre a atuação no caso Pagrisa.

Durante o Enafit, o Sinaít (Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho) lançou sua campanha institucional

2007/2008, cujo tema é: *Quem procura trabalho, não pode encontrar escravidão. Trabalho escravo: desumano para o trabalhador; inadmissível para a sociedade, vergonhoso para o país.*

Para o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Extrativa de Paracatu e Vazante, José Osvaldo de Souza, o fechamento da Subdelegacia de Paracatu será um retrocesso. De acordo com o sindicalista, foi preciso uma luta muito grande para levar uma filial da DRT para Paracatu. José Osvaldo afirma que há interesse de fazendeiros e empresários da região para que isso ocorra.

“Essa é uma região de grandes mineradoras, de muitos conflitos pela terra, e a Delegacia tenta pacificar a situação e deve ser mais prestigiada”, completa. Segundo ele, desde que foi criada – há quase 10 anos – a DRT ajudou a melhorar o respeito aos trabalhadores. Foi bem próximo a Paracatu, em Unaí, que em 2004, três Auditores Fiscais do Trabalho e o motorista que os acompanhava foram assassinados a mando de empresários da região.

Desmonte de Acordos Coletivos é a tática dos patrões para diminuir custos

Foto: Sindicato dos Metalúrgicos BH/Contagem

Para os trabalhadores, a renovação do Acordo Coletivo de Trabalho é sempre o momento de negociar novas conquistas e garantir a manutenção dos direitos. Contudo, a onda neoliberal dos anos 90 trouxe não só as privatizações – com demissões em massa e implementação de uma política indiscriminada de terceirizações – mas também novas táticas das empresas em busca do lucro máximo.

Os patrões passaram a investir no desmonte dos acordos coletivos e da organização dos trabalhadores para baratear os custos de produção. Eletricitários, metalúrgicos, bancários e telefônicos são algumas das categorias que enfrentam essa realidade há alguns anos.

Os bancários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, por exemplo, ficaram praticamente sem recomposição salarial nos anos do governo FHC. Em 1998 foram impostas duas categorias de trabalhadores no BB e CEF, ou seja, para

quem entrou a partir desse ano, o plano de saúde, o plano de cargos e salários e outros benefícios passaram a ser diferenciados. O anuênio também foi cortado nos bancos privados e do Brasil.

Somente a partir de 2003 é que eles passaram a ter o salário reajustado pela inflação e com aumento real. Este ano, a proposta da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban) é o ataque à Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e aos salários, garantindo apenas a reposição pela inflação. Atualmente, o setor bancário é o que mais lucra no país.



Metalúrgicos em manifestação durante a Campanha Salarial

Ameaça à organização dos metalúrgicos

Ubirajara Freitas, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de BH e Contagem, lembra que todo ano os patrões tentam retirar direitos, impondo a sua pauta. Segundo ele, na campanha salarial de 2005, a categoria preferiu não fechar o Acordo Coletivo com a Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) para impedir a implantação de um banco de horas.

A tentativa de impor mudanças unilaterais no horário de trabalho, retirar direitos e cláusulas sociais, como o plano de saúde, auxílio-creche e até o tíquete-alimentação, são cons-

tantes. De acordo com Ubirajara, os piores golpes acontecem contra a organização dos trabalhadores. “Sempre reagimos quando os patrões tentam tirar nossos direitos. Por isso, nos últimos anos, a tática das empresas é de nos enfrentar com práticas anti-sindicais.”

De acordo com Ubirajara, os piores golpes acontecem contra a organização dos trabalhadores. “Sempre reagimos quando os patrões tentam tirar nossos direitos. Por isso, nos últimos anos, a tática das empresas é de nos enfrentar com práticas anti-sindicais.”

Extinção dos principais direitos dos telefônicos

Fim do plano de cargos e salários, extinção da Participação nos Resultados, plano de saúde, auxílio-creche, tíquete-alimentação e anuênio, dentre outras conquistas. Em Minas, a privatização da antiga Telemig – hoje Telemar –, além de resultar na demissão de mais de 60% dos trabalhadores e a terceirização

de praticamente todo o serviço, impôs um novo perfil de categoria. Hoje, a base do Sindicato dos Trabalhadores em Telefonia (Sinttel) já não é mais formada por técnicos. Grande parte dos trabalhadores do setor atua nos call center.

De acordo com o diretor do Sinttel, Tiago Santana, os ata-

ques aos direitos dos trabalhadores foram “fulminantes”. Os salários foram rebaixados e hoje as empresas não cumprem, sequer, os direitos básicos da CLT, como jornada de seis horas para os empregados do teleatendimento.

Tiago Santana destaca que a reorganização de toda a cate-

goria só começa a dar frutos hoje. Ele conta, por exemplo, que os trabalhadores da Contax preferiram esticar a campanha salarial para este segundo semestre justamente por não aceitar a pauta da empresa. “Insistimos no aumento real e no respeito aos direitos básicos dos trabalhadores”, acrescenta.

Cemig ataca direitos há 10 anos

Para os eletricitários, o ataque ao ACT se intensificou com a chegada dos sócios estrangeiros, em 1997. Em um cenário de privatização do setor, a primeira medida foi a retirada do emprego, através do lançamento do PDI.

Depois vieram as propostas indecorosas de criar duas categorias de eletricitários, com a retirada de direitos para os novos contratados, reajuste de salário abaixo da inflação, adoção da escala 6X3 e imposição do horário diferenciado, implantação de umplase, no ano passado, o fim do anuênio.

Para o diretor do Sindieleto, Franklin Gonçalves, a Cemig tem apresentado grande crescimento pela aquisição de novas empresas, mas o retorno financeiro não pode ir apenas para os acionistas.

“É bom que a Cemig agregue novos valores, mas não podemos aceitar a política de reduzir custos com menos investimentos e corte nos direitos dos trabalhadores. A riqueza deve ser usada para melhorar as condições de trabalho e a qualidade de vida dos trabalhadores e da sociedade”, avalia.

